

VISITAR MUSEUS FAZ PARTE DA PRÁTICA CULTURAL DOS JOVENS?

Sibele Cazelli (doutora em educação)
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT
sibele@mast.br

1. Introdução

Na perspectiva de uma aprendizagem ao longo da vida, as discussões sobre a educação em ciência em espaços não formais têm sido veementes. Investigações sobre este tema crescem no país, enfocando aspectos de aprendizagem, avaliação de público, divulgação da ciência, análise de produção de exposições e das demais ações educativas, entre outros enfoques (CAZELLI, 1992; VALENTE, 1995; FALCÃO, 1999; MARANDINO, 2001).

O desafio, hoje, das instituições de educação não formal é o de se atualizarem com o intuito de acompanhar esse novo contexto que se impõe de forma progressiva e mesmo agressiva (TRILLA, 2008). Inicialmente buscou-se demarcar uma fronteira rígida entre a educação não formal e a formal. Rogers (2004) argumenta que não deve ser estabelecida uma dicotomia entre o formal e o não formal. Defende a idéia de um *continuum*, uma vez que suas distintas dimensões se interpenetram. Costa (2009, p. 64) destaca que “*delimitar fronteiras faz-se importante, não para definir até onde podemos ir, mas para demarcar a passagem de um lado ao outro, para diferentes objetivos, intencionalidades, estratégias*”.

Considerando a questão da demanda cultural, um ponto importante é o que diz respeito à pluralidade das culturas urbanas e à sua variação nos cenários de interação social. García Canclini (2000) ressalta a diminuição de frequência a espaços públicos relacionados à oferta cultural clássica, em consequência das características de complexificação da vida urbana, como disponibilidade de tempo, dificuldades nos deslocamentos e medo da violência urbana. Da mesma forma, Ortiz (2000) argumenta que tanto a tradição como as artes não se configuram mais como padrões de legitimidade nesse novo contexto mundial.

Dados levantados pela pesquisa Informações Básicas Municipais (MUNIC/IBGE, 1999-2006), considerando apenas seis tipos de equipamentos culturais, os associados à expressão da cultura cultivada mostram que as bibliotecas públicas são encontradas em 89,1% dos municípios brasileiros, ainda em processo de expansão. Menos da metade dispõe de livrarias (30%), com crescimento negativo entre 1999 e 2006. Os centros culturais estão presentes em 24,8% dos municípios brasileiros, os teatros em 21,2%, apresentando o maior crescimento, seguidos pelos museus (21,2%), com o segundo maior crescimento, e os cinemas, com menor presença municipal (8,7%), mas com crescimento de aproximadamente 21% entre 1999 e 2006.

A importância dos museus na promoção da cultura e os dados referentes à insuficiência e à concentração não equânime dos equipamentos levam a indagar: os museus estão presentes na experiência cultural dos jovens? Quais são as características escolares que estão associadas ao aumento ou à diminuição das chances de acesso dos jovens a museus? Investigar as características dos jovens e de seu entorno escolar e, mais especificamente, analisar a existência de relações entre o número de museus visitados pelas escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro e as variáveis relacionadas aos capitais econômico, social e cultural, são os objetivos centrais deste texto. Além disso, pretende-se examinar alguns aspectos associados às visitas e aos museus frequentados pelos jovens. Inicialmente é apresentada uma concisa revisão da literatura sobre o conceito de capital dos sociólogos Bourdieu e Coleman e em seguida, o procedimento metodológico utilizado é descrito. Finalmente, o resultado da análise e as discussões relevantes são apresentados.

2. Os capitais econômico, social e cultural na concepção de Bourdieu e Coleman

Os sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman introduziram o conceito de capital na análise social para se referirem não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Bourdieu (1989) vê o espaço social como um campo de lutas onde os agentes elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social. O capital econômico, sob a forma de diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais), permite que indivíduos e grupos elaborem estratégias para manter ou melhorar sua posição social. Por sua vez, Coleman (1988) define o capital econômico tanto como renda e riqueza material como em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso. Este autor vê o capital econômico como uma parte importante da relação que une a origem familiar às diferentes posições socioeconômicas.

Quanto ao conceito de capital social, Bourdieu (2001a) diz que ele está associado aos benefícios mediados pelas redes extra familiares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais. Coleman (1988) define o conceito de capital social pela sua função, argumentando que este tipo de capital não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, ou seja, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores.

Em síntese, enquanto Bourdieu enfatiza os conflitos e as lutas concorrenciais entre indivíduos e grupos pelos diferentes espaços de poder, Coleman destaca os meios pelos quais os diferentes grupos sociais trabalham em conjunto e as relações de reciprocidade e de confiança entre seus membros. Provavelmente, as diferenças existentes entre estas duas perspectivas contêm, de maneira implícita, parte das razões que tanto levam Bourdieu a relativizar o papel da família na mobilização de capital social como levam Coleman a enfatizar as relações internas à família como uma das principais fontes de mobilização deste tipo de capital.

Enredado na malha familiar está o conceito de capital cultural de Bourdieu (2001b). No seu entendimento, o capital cultural pode existir sob três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O capital cultural no seu estado incorporado constitui o componente do contexto familiar que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar da prole, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta trazida de casa (herança familiar) facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares.

No estado objetivado, o capital cultural existe sob a forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros etc. Para possuir os bens culturais na sua materialidade, é necessário ter simplesmente capital econômico, o que se evidencia na compra de livros, por exemplo. Todavia, para se apropriar simbolicamente destes bens, é necessário possuir os instrumentos de tal apropriação e os códigos necessários para decifrá-los, ou seja, é necessário possuir capital cultural no estado incorporado.

Por último, o capital cultural institucionalizado ocorre basicamente sob a forma de títulos escolares. O grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar, notadamente no mercado de trabalho. A definição de Bourdieu de capital cultural institucionalizado guarda comunicações com a definição de capital humano de Coleman. Este último considera que o capital humano é medido aproximadamente pelo nível de instrução das pessoas. No caso das famílias, o capital humano é potencialmente importante para proporcionar um ambiente cognitivo propício à aprendizagem escolar da criança.

3. Notas metodológicas

3.1. Questões, Hipóteses, Dados, Abordagem Analítica e Medidas Utilizadas

As questões associadas às chances de acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins e às relações existentes entre os capitais econômico, social e cultural e o número de museus visitados pelas escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro, apóiam-se nas hipóteses, do ponto de vista escolar, de que o capital social com o qual os jovens podem contar para interagir com os museus inclui ações de professores e escolas e a possibilidade de professores e escolas contribuírem para o estoque de capitais social e cultural que viabiliza o acesso dos jovens às instituições museológicas é mediada por aspectos das políticas culturais e educacionais que contribuem para aproximar ou afastar as escolas e seus estudantes dos equipamentos culturais.

Os dados utilizados (Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004) são referentes a um questionário contextual auto-administrado, aplicado aos jovens, aos profissionais das escolas envolvidos com a organização de visitas a museus e aos diretores das unidades escolares. Acessados via escola, foram escolhidos os jovens do 9º ano do ensino fundamental, porque corresponde ao fechamento de um ciclo. Eles foram selecionados a partir de uma amostra de escolas urbanas situadas no município do Rio de Janeiro. O plano amostral foi baseado em amostragem probabilística complexa, envolvendo estratos, conglomerados e pesos amostrais. A amostra final foi composta por 48 escolas (25 municipais e 23 particulares), 80 turmas e 2.298 alunos. No contato com as unidades escolares, foram identificados os profissionais diretamente envolvidos com a organização de visita (81 professores responderam ao questionário). No tocante aos diretores (48), três não responderam a ele.

No questionário dos jovens foram priorizadas as questões que solicitavam o nome dos museus visitados ao longo da vida, as de caráter sociodemográfico e, fundamentalmente, as que se baseiam em trocas materiais e simbólicas (capitais econômico, social e cultural). No questionário do profissional foram priorizadas as questões que solicitavam o nome dos museus visitados nos últimos 12 meses (referentes ao ano de 2003), considerando todas as turmas que os visitaram, não só as de 9º ano e, fundamentalmente, as que priorizam os capitais social e cultural. A abordagem analítica engloba a discussão da estatística descritiva, ou seja, as análises bivariadas.

Foram selecionadas as seguintes variáveis:

Variável dependente (a que se quer explicar): *Número de museus visitados* – indica o número de museus visitados pelos alunos ao longo da vida.

Indagou-se ao aluno, se havia visitado, em algum momento de sua vida, museus ou instituições culturais afins. Depois, seguia-se um encadeamento de questões cujo propósito era verificar se lembrava o nome dos locais visitados ou algo relacionado a eles. Foi solicitado que nomeasse o museu que mais gostou, um outro além deste e, por fim, caso tivesse visitado mais um ou mais dois ou vários outros, o nome de cada um deles. Deste modo, foi possível obter a nomeação de oito instituições museológicas visitadas ao longo da vida. Aspectos como período, número e contexto da visita estavam condicionados às duas primeiras questões.

No que diz respeito à variável dependente, foram consideradas como instituição cultural afim a museu, espaços como jardim botânico, reserva florestal, zoológico e planetário, que já são contemplados pela definição de museu presente nos estatutos do Comitê Brasileiro do Comitê Internacional de Museus (ICOM, na sigla em inglês). Além disto, ampliou-se esse entendimento para outros espaços culturais, como centro cultural, teatro municipal, biblioteca nacional, entre outros.

Pelo fato de os jovens mencionarem que visitam jardim botânico e zoológico com a família, não somente com a escola – visita agendada com objetivos educacional-pedagógico e cultural –, optou-se por dividir os museus visitados pelos alunos ao longo da vida em dois grupos: amplo e restrito. O amplo engloba os museus de qualquer temática, incluindo jardim botânico e zoológico. O restrito engloba todos, com exceção desses dois últimos espaços. Tal

divisão possibilitou uma análise mais precisa do acesso às instituições museológicas, visto que locais como jardim botânico e zoológico são atrativos e assumem, dependendo do contexto, um caráter de prática de lazer e entretenimento.

Variáveis explicativas: (i) *Dependência administrativa* – indica a rede municipal e privada; (ii) *Assiste televisão (programas sobre assuntos científicos)* – indica se o aluno assiste a programas relacionados a este assunto; (iii) *Leitura de jornais (matérias sobre assuntos científicos)* – indica se o aluno lê matérias relacionadas a este assunto; (iv) *Usa a internet (saber mais sobre assuntos científicos)* – indica se o aluno busca informações relacionadas a este assunto.

Indagou-se aos estudantes sobre a frequência com que, nos últimos 12 meses, assistiram na televisão a programas e/ou reportagens sobre temas relacionados à ciência; leram nos jornais matérias sobre assuntos científicos e usaram a Internet para saber mais sobre esta temática (para este texto foram eleitos esses meios de acesso à informação científica).

Foram selecionados para a análise bivariada os seguintes indicadores oriundos do questionário do profissional da escola envolvido com a organização de visita:

Variável dependente (a que se quer explicar): *Número de museus visitados* – indica o número de museus visitados pela escola nos últimos 12 meses. Apresentou-se aos profissionais envolvidos com a organização de visita uma relação com o nome de 18 museus situados no município do Rio de Janeiro. Com base nesta lista, solicitou-se que informasse que locais a escola visitou, nos últimos 12 meses, levando em conta todas as turmas que os visitaram, e não apenas as do 9º ano. Na sequência, um item pedia que nomeassem outras instituições museológicas visitadas não constantes da relação apresentada.

Variáveis explicativas: (i) *Nível socioeconômico da escola* – medida do nível socioeconômico médio dos alunos da escola. Primeiramente, três indicadores de posição socioeconômica e cultural foram construídos: escolaridade familiar, evidência de riqueza familiar e disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar. Em um segundo momento, estes três indicadores foram agregados em um único índice, resultando no NSE. (ii) *Disponibilidade de recursos educacionais/culturais escolar* – medida da existência e/ou disponibilidade de determinados recursos educacionais/culturais na escola. Indagou-se aos profissionais sobre a disponibilidade no local dos recursos educacionais/culturais: jornais, revistas de informação geral, revistas de divulgação científica, televisão, videocassete ou DVD, vídeos educativos, aparelho de som, retroprojeter, projetor multimídia, computador, *software* educativos e acesso à Internet. A disponibilidade foi medida a partir de duas categorias de resposta: *sim* e *não*. (iii) *Prática cultural dos profissionais da escola* – medida da prática cultural nos últimos 12 meses. Perguntou-se também sobre a frequência com que nos últimos 12 meses foram: a cinema, teatro, ópera ou concerto de música clássica, balé ou espetáculo de dança, show de música e livreria. A frequência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *não, uma a duas vezes, três a quatro vezes e mais de quatro vezes*.

4. As visitas e os museus frequentados pelos alunos

Os museus visitados pelos alunos ao longo da vida foram classificados de acordo com: temática e localização geográfica. No que diz respeito aos resultados oriundos da relação entre a variável explicativa *rede* e a variável dependente, *número de museus visitados (qualquer temática restrito)*, observou-se que o percentual de alunos das escolas particulares que não visitaram museus (15%) é menor do que o das escolas municipais (31%). Constatou-se, ainda, que os estudantes da rede privada visitaram uma quantidade maior de museus (número médio = 2.23), em comparação com os da rede municipal (número médio = 1.35). Observam-se estes dados na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição percentual dos alunos segundo o número de museus visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	15	31
	Visitou 1	25	32
	Visitou 2	22	20
	Visitou 3	15	9
	Visitou 4	12	5
	Visitou 5	7	2
	Visitou 6	3	1
	Visitou 7	1	-
	Visitou 8	-	-
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Os resultados, considerando o número e as distintas temáticas dos museus visitados ao longo da vida por rede de ensino, estão expressos na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição percentual dos alunos segundo as distintas temáticas dos museus visitados ao longo da vida, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Número de museus visitados (Ciência & Tecnologia restrito)	Não visitou	58	62
	Visitou 1	34	30
	Visitou 2	7	7
	Visitou 3	1	1
Total		100	100
Número de museus visitados (História)	Não visitou	54	76
	Visitou 1	31	18
	Visitou 2	10	5
	Visitou 3	4	1
Total		100	100
Número de museus visitados (Arte)	Não visitou	64	81
	Visitou 1	27	16
	Visitou 2	7	2
Total		100	100
Número de museus visitados (Centro Cultural)	Não visitou	70	88
	Visitou 1	23	11
	Visitou 2	6	1
Total		100	100
Número de museus visitados (Militares)	Não visitou	84	79
	Visitou 1	14	19
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Verificou-se que os museus de ciência e tecnologia foram os mais visitados pelos alunos, em comparação com as instituições de outras temáticas. No tocante à variável, *número de museus visitados (C&T restrito)* – não engloba jardim botânico e zoológico –, o percentual

de alunos das escolas particulares que **não visitaram** (58%) é menor do que o das escolas municipais (62%).

Em relação à variável, *número de museus visitados (história)*, 54% dos alunos da rede privada e 76% dos da rede municipal **não foram** a estes locais. Para a variável, *número de museus visitados (arte)*, os resultados encontrados indicam que 64% dos alunos da rede privada e 81% dos da rede municipal **não foram** a este tipo de museu. No que diz respeito à variável, *número de museus visitados (centros culturais)*, 70% dos alunos da rede privada e 88% dos da rede municipal **não foram** a estes locais. O caso dos museus militares é o único em que o percentual de estudantes das escolas particulares que **não visitaram** é maior do que o encontrado para as unidades municipais: 84% e 79%, respectivamente.

No tocante à variável, *número de museus visitados (município do Rio de Janeiro)* apurou-se que apenas 7% dos alunos da rede privada e 16% dos da rede municipal **não foram** a museus localizados nesta região. Considerando a variável, *número de museus visitados (fora do município do Rio de Janeiro)* – museus localizados em outros municípios do estado do Rio ou em outros estados brasileiros –, o percentual de alunos das escolas particulares que **não visitaram** (65%) continua menor do que o das escolas municipais (88%). Como o esperado, somente os alunos das escolas particulares visitaram museus localizados no exterior (4%).

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados da relação entre contexto da visita (com quem visitou) e rede de ensino (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição percentual dos alunos segundo o contexto da visita ao museu que mais gostou, por rede de ensino (%)

		Rede	
		Privada	Municipal
Contexto da visita (com quem visitou o museu que mais gostou)	Apenas com família	42	27
	Apenas com a escola	25	41
	Apenas com amigos ou sozinho	5	7
	Apenas com outras pessoas	1	3
	Com a família e com a escola	12	8
	Com a família e com amigos ou sozinho	6	3
	Outras combinações	9	11
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Sabe-se, com base na literatura específica, que jovens estudantes, em geral, chegam aos museus por meio da família e da escola. Por conta disto e dos baixos percentuais encontrados para as outras situações de visita (sozinho, com amigos, com outras pessoas), optou-se por comentar a distribuição relativa aos dois primeiros contextos.

Observou-se que o percentual de alunos da rede privada que visitaram o museu de que mais gostaram *apenas com a família* (42%) é maior do que o encontrado para a rede municipal (27%). Ocorre uma inversão quando o contexto da visita muda para *apenas com a escola*: 41% da rede municipal *versus* 25% da rede privada. Estes achados dão pistas para explicar as diferenças encontradas entre o número médio de museus visitados pelos alunos e o número médio de museus visitados pelas escolas.

Famílias e escolas têm um papel relevante na constituição de um “gosto” e de um “*habitus*” de visita a museus ou instituições culturais afins. Ou seja, é um trabalho de *inculcação* e de *assimilação* que exige investimentos de longa duração e que pode perfeitamente ser desempenhado por esses contextos, uma vez que a maioria dos jovens ainda passa grande parte de seu tempo no convívio com a família e com a escola. Com base nos resultados encontrados, pode-se dizer que, para os alunos pertencentes à rede municipal, a

escola é um contexto muito importante, não só para promover o acesso, mas para garantir um número maior de museus visitados. Para os alunos da rede privada, a família atua de forma mais marcante, garantindo o acesso e a quantidade de instituições culturais visitadas.

A relação entre as diferentes formas de acesso à informação científica utilizadas pelos alunos e a variável dependente *número de museus visitados (qualquer temática restrito)* está expressa na Tabela 4. Em função da distribuição encontrada, selecionou-se um meio audiovisual (televisão: 94%), um meio impresso (jornal: 83%) e a Internet (meio que faz uso de recursos audiovisual e impresso: 51%).

Tabela 4: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo os diferentes meios de acesso à informação científica (%)

		Assiste TV (programas/temas científicos)	
		Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	32	21
	Visitou 1	33	28
	Visitou 2	21	21
	Visitou 3	7	13
	Visitou 4	7	9
	Visitou mais de 4	-	8
Total		100	100
		Leitura de jornal (matérias/temas científicos)	
		Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	34	19
	Visitou 1	30	27
	Visitou 2	18	22
	Visitou 3	8	13
	Visitou 4	6	10
	Visitou mais de 4	4	9
Total		100	100
		Usa a Internet (saber mais/temas científicos)	
		Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	29	15
	Visitou 1	32	23
	Visitou 2	19	24
	Visitou 3	10	14
	Visitou 4	6	12
	Visitou mais de 4	4	12
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Essa tabela mostra que o percentual de não-visita entre os alunos que não assistem na televisão a programas e/ou reportagens sobre temas relacionados à ciência é maior do que entre os que assistem: 32% e 21%, respectivamente. Verificamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus um pouco maior, em comparação com os que não têm: 1.88 (número médio de museus visitados) *versus* 1.26, respectivamente. O mesmo ocorre em relação à leitura de jornais, ou seja, o percentual de não-visita entre os que não lêem nos jornais matérias sobre assuntos científicos é maior do que entre os que lêem: 34% e 19%, respectivamente. Observamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus um pouco maior, em comparação com os que não têm: 1.95 (número médio de museus visitados) *versus* 1.33, respectivamente. No caso de o uso da Internet, o percentual de não-visita entre os que não usam a rede para saber mais sobre essa temática é

maior do que entre os que usam: 29% e 15%, respectivamente. Constatamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus maior, em comparação com os que não têm: 2.23 (número médio de museus visitados) *versus* 1.43, respectivamente. Em síntese, os resultados evidenciam que o uso destes distintos meios para a aquisição de informação científica parece ter um efeito positivo no número de museus visitados.

5. A promoção do acesso a museus a partir dos dados do contexto escolar

Os principais resultados relativos ao padrão de acesso e ao número de museus visitados, em função da rede de ensino, do nível socioeconômico, da disponibilidade escolar de recursos educacionais/culturais e da prática cultural dos profissionais da escola são agora apresentados e discutidos.

5.1. Número de museus visitados e o nível socioeconômico dentro de cada rede de ensino

A recente pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), em 2000, coordenado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), abrangendo 32 países participantes, comprovou que o Brasil apresenta um dos mais altos índices de correlação entre o nível socioeconômico médio dos alunos e a presença de recursos escolares relevantes para o aprendizado. Estes resultados têm sido confirmados em estudos, envolvendo os dados coletados, em 2001, pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que mostram que o nível socioeconômico é uma variável definidora da segmentação do sistema de ensino e que a alocação dos alunos nas escolas não é aleatória.

Os achados oriundos da relação entre o *número de museus visitados (qualquer temática restrito)* e o nível socioeconômico dentro da rede municipal e privada estão em consonância com as pesquisas mencionadas anteriormente. Existe uma forte relação entre nível socioeconômico e rede de ensino. Há uma grande concentração de escolas municipais abaixo da média (nível socioeconômico baixo), enquanto a maioria das particulares está acima da média (nível socioeconômico alto). Além disto, considerando o nível socioeconômico dentro de cada rede, apurou-se que, dentro da rede municipal, o valor do nível socioeconômico alto é menor do que o valor do nível socioeconômico baixo da maioria das escolas da rede privada.

A despeito desse fato, o número médio de museus visitados pelas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (5.17) e alto (4.92) é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo (3.27). Tem destaque o número médio de museus visitados pelas escolas particulares de nível socioeconômico alto (8.00).

Em síntese, observando exclusivamente a rede municipal, fica evidente que a prática de visita a museus ocorre tanto nas unidades escolares de nível socioeconômico baixo como nas de nível socioeconômico alto. Os alunos pertencentes a ambas têm acesso garantido a este tipo de espaço cultural. Já na rede privada, esta prática assume traços distintos: o acesso, bem como o número de museus visitados para os alunos pertencentes às escolas de nível socioeconômico baixo, é bem menor.

No que diz respeito à prática de visita a museus, pode-se concluir que as escolas municipais têm um papel equalizador. Em outras palavras, promovem equidade, uma vez que o número médio de instituições museológicas visitadas pelas escolas municipais, com nível socioeconômico baixo ou alto, é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo. No que se refere ao acesso a museus, não pesa tanto para os alunos pertencer à rede municipal. Mas a situação é bem diferente quando deslocamos o foco para o desempenho escolar.

Com base nos dados relativos ao desempenho médio em matemática dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, pertencentes às escolas municipais e particulares do município do Rio de Janeiro que participaram do SAEB no ano de 2001, verifica-se que, nas escolas municipais de nível socioeconômico baixo (239 pontos) e de nível socioeconômico alto (257

pontos), o valor do desempenho médio em matemática está abaixo da média (280 pontos) e é menor do que o das escolas particulares de nível socioeconômico baixo (287 pontos) e alto (316 pontos), ambas acima da média. Neste caso, ao contrário do que se observou em relação à promoção do acesso a museus, é mais vantajoso para os alunos estudar em escolas da rede privada de nível socioeconômico baixo do que pertencer à rede municipal.

5.2. *Número de museus visitados e a disponibilidade de recursos educacionais/culturais*

Os achados encontrados indicam que a maioria das escolas municipais possui baixa disponibilidade desse tipo de recurso (há uma concentração em torno da média e um grupo pequeno que se equipara às unidades da rede privada), enquanto, nas particulares, esta disponibilidade é alta.

Para verificar se a disponibilidade de recursos educacionais/culturais tem associação com o número de museus visitados, foi calculada a correlação entre a variável dependente, *número de museus visitados (qualquer temática restrito)* e a explicativa, *disponibilidade de recursos educacionais/culturais escolar*. Considerando apenas a rede municipal, observou-se que a correlação é nula, ou seja, não existe associação entre estas variáveis. Já na rede privada, a correlação foi evidente: existe uma associação, isto é, escolas que têm alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais visitam um número maior de museus.

Esses resultados expressam o fato de que o fomento para o acesso a museus é uma política geral da rede municipal, reafirmando que ações, mobilização, investimentos e trocas que são estabelecidas para instituir a prática de visita estão associados às unidades escolares.

5.3. *Número de museus visitados e a prática cultural dos profissionais da escola*

Os achados encontrados indicam que a maioria das escolas municipais possui profissionais com prática cultural abaixo da média (há uma concentração em torno da média e um grupo pequeno que se equipara às unidades da rede privada). Já a maioria das escolas particulares possui profissionais com alta prática cultural.

Para verificar se a prática cultural dos profissionais da escola tem associação com o número de museus visitados, foi calculada a correlação entre a variável dependente, *número de museus visitados (qualquer temática restrito)* e a explicativa, *prática cultural dos profissionais*. Considerando apenas a rede municipal, observou-se que a correlação é nula, ou seja, não existe associação entre estas variáveis. Já na rede privada, a correlação foi evidente: existe uma associação, isto é, escolas cujos profissionais têm alta prática cultural visitam um número maior de museus.

Esses resultados, semelhantes àqueles que foram encontrados para o indicador *disponibilidade de recursos educacionais/culturais*, reafirmam que o fomento para o acesso a museus é uma política geral da rede municipal e está associada à escola.

6. **Comentários finais**

Os contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira também se manifestam na desigualdade do acesso a bens, produtos, serviços, informações, meios de produção e espaços públicos de cultura. Uma das primeiras conclusões que se destacam é que os jovens brasileiros residentes no município do Rio de Janeiro visitam museus e têm acesso a eles por meio de suas famílias ou da escola na qual estudam. Do ponto de vista do contexto escolar, as desigualdades relacionadas à prática de visita se manifestam, notadamente, quando considerada a variável rede de ensino.

As escolas municipais visitam museus mais frequentemente do que as escolas particulares que possuem nível socioeconômico inferior ao nível socioeconômico médio da rede privada, ainda que o nível socioeconômico dessas escolas seja maior que o das escolas da rede municipal. Além disso, o quantitativo dos jovens das unidades municipais que afirmaram ter visitado o museu de que mais gostaram *apenas com a escola* é bem maior do que o das unidades particulares. Conclui-se, portanto, que o capital social baseado na escola – ações,

mobilizações, investimentos, trocas – contribui para o alargamento da experiência cultural dos jovens em geral e dos jovens pertencentes às escolas públicas em particular. Em outras palavras, as escolas municipais possuem um papel ativo e equalizador, particularmente relevante para os jovens cujas famílias têm menor volume de capital cultural.

Os resultados, especialmente o relativo ao fomento que a escola concede às visitas a instituições museológicas, reforçam a relevância de uma política mais ativa e mais efetiva de aprimoramento dos acervos, da preservação de coleções e dos programas educacionais de museus. Esse tipo de política certamente potencializa a promoção de equidade cultural, uma vez que as instituições escolares facilitam a aproximação dos jovens com os museus, considerados pela sociedade como uma das mais importantes expressões da cultura cultivada.

7. Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001 a, p. 65-69.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001 b, p. 73-79.

CAZELLI, S. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?* Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

CAZELLI, Sibeles. *Alfabetização Científica e os Museus Interativos de Ciência*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 1992.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v. 94, p. S95-S120, 1988.

COSTA, Andréa Fernandes. *Museu de ciência: instrumentos científicos do passado para a educação em ciências hoje*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Escola de Educação, Rio de Janeiro, 2009.

FALCÃO, D. *Padrões de Interação e Aprendizagem em Museus de Ciência*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Ciências Biomédicas. Departamento de Bioquímica Médica. Rio de Janeiro, 1999.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Informações Básicas Municipais (Munic). 1999-2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: novembro de 2008.

MARANDINO, M. *O Conhecimento Biológico nas Exposições de Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Educação. São Paulo, 2001.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROGERS, A. Looking again at non-formal and informal education: towards a new paradigm, 2004. Disponível em: <www.infed.org/biblio/non_formal_paradigm.htm>. Acesso em: setembro de 2007.

TRILLA, J. A educação não-formal. In: ARANTES, V. A. (org.) *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008, p.15-58.

VALENTE, M. E. *A Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 1995.